



EDITORA PERSPECTIVA



O ITINERÁRIO DE BENJAMIN DE TUDELA

J. Guinsburg (org.)

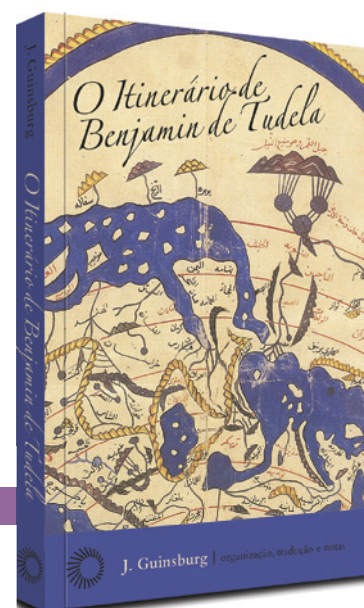
Viagem

14 x 21 cm

160 páginas

ISBN 978-85-273-1101-4

R\$ 56,00



ROTEIRO DE VIAGEM PELO SÉCULO XII

Os diários de viagem de Benjamin de Tudela são das primeiras obras culturais da Idade Média e compõem, por fim, um panorama geográfico e histórico sobre como viviam os povos asiáticos, africanos e europeus no século XII.

A empreitada de rabi Benjamin, viajante e escritor judeu nascido no Reino de Navarra, antecede a de Marco Polo por cem anos e pretende, não só um diário de viagem detalhado pela Ásia, África e Europa, mas também a descrição geográfica, religiosa, social, política e comercial das cidades por onde passou.

O fim da Segunda Cruzada e suas conseqüências marcam um período de enorme importância na história do Ocidente. Se por um lado o século XII tem como marcas a reconquista da Península Ibérica e ascensão de Saladino, por outro a importância cultural favorecida pelo *Itinerário de Benjamin de Tudela* tampouco passa despercebida.

SAIBA MAIS:

Marcado pela objetividade e detalhe das descrições e reproduções de sociedades até então pouco conhecidas, *O Itinerário de Benjamin de Tudela*, traduzido e organizado por J. Guinsburg, é uma elucidação sobre os estágios do desenvolvimento das nações que culminariam, por fim, nos mundos civilizados.

TRECHO:

Dali são dois dias até Bagdá, a grande cidade e a residência real do califa emir Al Muminim Al Abasi da família de Maomé. Ele é o cabeça da religião maometana e todos os reis do Islã lhe obedecem; ele ocupa uma posição similar ao do papa sobre os cristãos. Ele tem um palácio em Bagdá de três milhas de extensão, em que há um grande parque com todas as variedades de árvores, frutíferas e de outras mais, e todas as espécies de animais. O conjunto é rodeado de uma muralha, e no parque há um lago cujas águas são alimentadas pelo rio Hidekel. Sempre que o rei deseja entregar-se à recreação e alegrar-se e festejar, seus servidores apanham todas as espécies de pássaros, caças e peixes, e ele vai ao seu palácio com seus conselheiros e príncipes. Lá, o grande rei Al Abasi, o califa (Hafiz), celebra sua corte, e ele é bondoso com Israel e muitos que pertencem ao povo de Israel são seus acompanhantes; ele conhece todas as línguas e é bem versado na lei de Israel. Ele lê e escreve na língua sagrada (hebraico). Ele não partilha de nenhuma coisa a não ser que a haja ganhado com o trabalho de suas próprias mãos. Ele faz colchas às quais apõem seu selo; seus cortesãos vendem-nas no mercado, e os grandes do país as compram, e dos produtos dessa venda provêm seu sustento. Ele é confiante e confiável, sua fala é de paz para todos os homens. Os homens do Islã o veem apenas uma vez por ano. Os peregrinos que vêm de terras distantes, para ir a Meca, que fica na terra de El-Yemen, anseiam ver a sua face e reúnem-se diante do palácio exclamando: “Nosso Senhor, luz do Islã e glória de nossa Lei, mostra-nos a fulgência de teu semblante” – mas ele não dá atenção às suas palavras. Então os príncipes que são seus ministros dizem-lhe: “Nosso Senhor, difunde tua paz sobre os homens que vieram de terras distantes, que almejam abrigar-se sob a sombra de tua benevolência”. Em consequência disso, ele se ergue e deixa cair da janela a fímbria de sua túnica e os peregrinos vêm e beijam-na, e um príncipe lhes diz: “Ide em paz, pois nosso mestre, o senhor do Islã, concedeu paz a todos vós”. Ele é considerado por eles Maomé, e eles voltam para suas casas rejubilando-se com a saudação que o príncipe se dignou a outorgar-lhes e contentes por terem beijado a sua túnica. Cada um de seus irmãos e membros de sua família tem uma morada em seu palácio, mas eles estão todos agrilhoados em cadeias de ferro e guardas permanecem postados em torno de suas casas, de modo que não possam se levantar contra o grande califa. Pois aconteceu uma vez que seus irmãos se ergueram contra ele e proclamaram um deles como califa; então foi decretado que todos os membros de sua família devem ser acorrentados, de modo que não possam levantar-se contra o califa reinante. Cada um deles reside em seu palácio em grande esplendor, e eles são donos de aldeias e cidades, e seus intendentess lhes trazem tributos daí provenientes, e eles comem e bebem e regozijam-se todos os dias de suas vidas. Dentro dos domínios do palácio do califa há grandes edifícios de mármore e colunas de



J. GUINSBURG

Professor aposentado de Estética Teatral e Teoria do Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e editor. Autor, entre outros, de *Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou*; *Leoni de' Sommi: Um Judeu no Teatro da Renascença Italiana*; *Aventuras de uma Língua Errante*; *Stanislávski, Meierhold e Cia.*; *Da Cena em Cena*. Tradutor de Diderot, Lessing, Nietzsche, Spinoza e Platão.

prata e ouro, e cinzeladuras em pedras raras estão fixadas nas paredes. No palácio do califa há grandes riquezas e torres cheias de ouro, vestes de seda, e todas as pedras preciosas. Ele não sai de seu palácio, salvo uma vez por ano na festa que os maometanos chamam El-id-bed Ramazan, e eles vêm de terras distantes nesse dia para vê-lo. Ele aparece montado em uma mula e envergando as vestes reais de ouro e prata e finos linhos; sobre a cabeça traz um turbante adornado de pedras preciosas de valor inestimável, e sobre o turbante, um xale preto como um signo de sua modéstia, implicando que toda essa glória será coberta de trevas no dia da morte.

LEIA TAMBÉM



ANATOL "ON THE ROAD"

Anatol Rosenfeld

Nanci Fernandes e J. Guinsburg (orgs.)

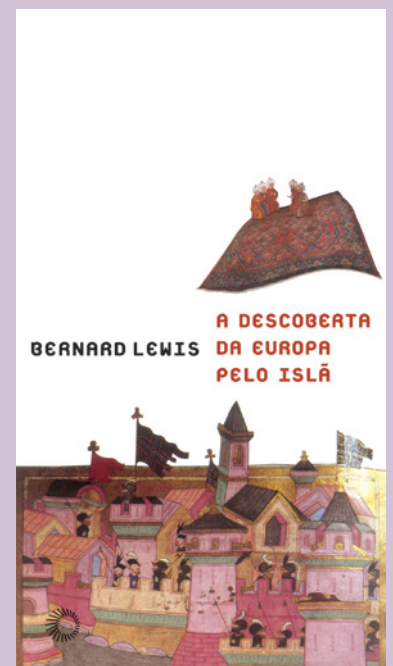
Ficção • 272 páginas

ISBN 85-273-0731-6

R\$ 36,00



Organização:
Nanci Fernandes
Coordenação:
J. Guinsburg



A DESCOBERTA DA EUROPA PELO ISLÃ

Bernard Lewis

História • 432 páginas

ISBN 978-85-273-0876-2

R\$ 96,00